



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

PATRÍCIA DE SOUZA

**MÚSICA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS SENSÍVEIS E POSSÍVEIS
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Florianópolis

2014

PATRÍCIA DE SOUZA

**MÚSICA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS SENSÍVEIS E POSSÍVEIS
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Santa Catarina
como exigência parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Gilka Elvira
Ponzi Girardello.

Florianópolis

2014.

Patrícia de Souza

**MÚSICA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS SENSÍVEIS E POSSÍVEIS
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 01 de julho de 2014.

Prof.^a Dr. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Gilka Elvira Ponzi Girardello.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Ms. Francisca Cavalcanti
Membro externo

Prof.^a Dr.^a Lilane Maria de Moura Chagas
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rogério Santos Pereira (suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico este trabalho aos
meninos de minha vida,
Temóteo e Lucas, pelo apoio e
amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo querido, pelo apoio durante todo o período de graduação, que supriu a minha ausência em casa junto à nosso filho Lucas, e nessa última fase do curso me deu toda segurança possível ao depositar em mim sua confiança e admiração.

Ao meu querido filho Lucas, pois ensina-me todos os dias a ver as belezas da vida.

À minha mãe Elenita, meu irmão Bruno e minha irmã Júlia, por serem a família que eu preciso.

À querida Gilka pelos ensinamentos nesse momento tão precioso em minha vida. Orientou, acalmou e acalentou-me com suas palavras de carinho. Sua passagem pela minha vida deixou rastros de alegria.

Às queridas amigas companheiras de curso, Aline, Lisiane, Janaína e Sabrina. A caminhada junto à vocês foi mais colorida.

À Odara por fazer parte da minha vida e ser exemplo de luta e perseverança.

À querida Chica Cavalcanti, pela generosidade em dividir comigo seus conhecimentos e vivências.

À querida Cecília pela disponibilidade e carinho.

Ao querido Mestre Xavier, por todos os ensinamentos, incentivo, e por dividir comigo sua música.

À querida professora Lilane, por dividir conosco seus conhecimentos, ajudando a nos constituirmos professoras, e agora fazendo parte da banca.

À todos os professores que ensinam dando o seu melhor, nos mostrando a beleza do ofício de ser professor, em especial: Gilka Girardello, Lilane Chagas, Orlando Ferreti,

Patrícia Torriglia, Deise Arenhart, Eloisa Rocha, Eneida Oto Shiroma, Olinda Evangelista.

A todos que diretamente ou indiretamente estiveram junto a mim nesta caminhada.

A linguagem musical tem um potencial transformador enorme, pois é um conhecimento que valoriza o que há de mais humano nas pessoas: a emoção, o transcendental e a paixão.

(Carlos Granja)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar e refletir sobre a possibilidade de o/a professor/a dos Anos Iniciais trabalhar a música nas suas práticas pedagógicas, considerando que a música faz parte da constituição do ser humano e assim precisa ser contemplada de forma significativa na escola, para além das aulas de música. Tendo em vista que muitos dos profissionais atuantes nos Anos Iniciais não possuem formação musical, o trabalho apoia-se em pesquisadores brasileiros, em sua grande maioria do campo da Educação Musical, como Beineke, Brito e Bellochio, para trazer reflexões sobre a possibilidade de que o/a professor pedagogo/a inclua a música em seus planejamentos. Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica e em entrevistas semiestruturadas com professores de música. A partir destas referências, é apresentada uma reflexão acerca da importância da música na formação das crianças, buscando fundamentar a sua importância na escola, no contexto de uma educação integral cujo objetivo maior seja a formação humana. Conclui-se que é possível e essencial que o/a professor/a de classe contemple a música em suas práticas, cantando, desenvolvendo uma escuta musical atenta, promovendo brincadeiras de roda, e produzindo instrumentos sonoros, entre outras atividades. Aponta-se ainda a necessidade de que esse/a professor/a, através de pesquisas e formação continuada, amplie sua familiaridade com a linguagem musical, indispensável à educação plena das crianças.

Palavras chaves: educação, música, educação musical, formação, pedagogo/a, parceria.

ABSTRACT

The objective of this research was to identify and reflect about the possibility of elementary school teachers to include music in their teaching, considering that music is part of the human constitution, so it needs to be addressed meaningfully in school, and not only in specific music lessons. Knowing that most of the primary teachers do not have any musical training, this paper, based on the work of Brazilian researchers, mostly from the field of music education, as Beineke, Brito and Bellochio, discusses the possibilities of include music in the teachers planning. This research consists in a review of literature review and of structured interviews with music teachers. As a result, is presented a discussion about the importance of music in children's education, seeking to justify its importance in school, in the context of a comprehensive education whose main objective is human development. The reserach concludes that is possible and essential that teachers contemplate music in their practices, through singing, attentive musical listening, and construction of musical instruments, among other activities. It is highlighted the need for teachers, through research and continuing education, to broaden their familiarity with the full musical language, essential to the education of children.

Key words: education, music, music education, training, educator, partnership.

SUMÁRIO

1 UM CONVITE A DESCOBERTAS	11
2 REFLEXÕES ACERCA DA MÚSICA	13
3 OBJETIVOS	15
3.1 Objetivo Geral	15
3.2 Objetivos Específicos	15
4 SOMOS SERES HUMANOS, SOMOS SERES MUSICAIS.....	16
5 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	21
6 REVISÃO DE LITERATURA	22
6.1 Algumas reflexões acerca da música.....	22
6.2 A música como necessidade humana	24
6.3 A música e o professor não especialista, caminhos possíveis.....	25
7 ENTREVISTAS: HUMANIZANDO IDEIAS E CONCEITOS	35
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
__REFERÊNCIAS.....	52

1 UM CONVITE A DESCOBERTAS

De forma consciente para nós, ou não, a música faz parte do nosso viver, e muitas vezes não refletimos sobre a forma como ela chega até nós. Estamos rodeados por música e sons, eles estão dentro de nós, são parte de nós. Porém, nessa correria constante em que os dias parecem cada vez menores, muitas vezes acabamos não tendo tempo de perceber aquilo que nos rodeia, o que nossos ouvidos escutam, os sons de nosso próprio corpo. “Muito do que ouvimos nos é imposto, fazendo com que o sentido maior da escuta se perca.” (GRANJA, 2006, p.153).

É difícil afirmar se é a correria que faz com que coisas tão importantes passem despercebidas, ou se isso acontece porque a maioria de nós, quando crianças, não aprendeu a ouvir. Sim, é preciso aprender a ouvir para compreendermos melhor o mundo e a nós próprios, ou então tudo dentro de nós transforma-se num caos e nosso corpo começa a manifestar os efeitos dessa desarmonia interna.

Só aprendemos a ouvir ouvindo, e o que estamos escutando? O que nossas crianças ouvem? O que a escola está proporcionando aos ouvidos das crianças? Por fim, que lugar a música está ocupando em nossas instituições de ensino? Qual a importância da música na educação das crianças?

Não há a pretensão de encontrar respostas completas ou definitivas a essas perguntas, porém foram elas que impulsionaram a realização desta pesquisa, com o objetivo de tentar compreender a importância da presença da música na sala de aula de forma contínua e não somente nas aulas de música. O foco desta trabalho são os Anos Iniciais, principalmente o primeiro ciclo, por ser essa uma fase de transição, na qual a criança sai da Educação Infantil e adentra o Ensino Fundamental. É uma etapa muito especial, ainda mais nesse momento, no Brasil, com a implantação do Ensino de Nove Anos, em que a criança acessa mais cedo à escola.

Ao longo do curso de graduação em Pedagogia percebemos, a partir de diversas experiências, como estágios e outras atividades em escolas que na Educação Infantil há uma presença significativa da música, embora não caiba aqui refletir a forma como ela é feita, pois não é a intenção desta pesquisa. No entanto, também é possível observar que à medida que a criança ingressa no Ensino Fundamental, a música, as brincadeiras cantadas, as rodas e o cantar ficam cada vez mais ausentes.

A partir de 2008, com a obrigatoriedade da música como componente curricular, determinada pela lei 11.769, essa discussão tornou-se mais crucial. Ainda assim, condicionar a música a uma ou duas aulas por semana, e esquecer dela nos outros momentos, não parece ser o melhor para uma proposta de desenvolvimento integral das crianças. A música deve perpassar todas as fases da educação e da vida:

Musicalizar a escola, contudo, é mais do que simplesmente inserir a Música como disciplina obrigatória no currículo. É fazer da música um projeto de integração capaz de articular as diferentes dimensões do conhecimento e propiciar uma formação mais condizente com as aspirações do ser humano. (GRANJA, 2006, p. 101).

Como o foco deste trabalho são os Anos Iniciais, a presente pesquisa procurará apresentar, discutir e refletir sobre algumas ideias e propostas sobre como as/os professoras/es das séries iniciais podem trabalhar a música de forma significativa em suas práticas diárias, com apoio em estudos, documentos normativos e entrevistas com professores de música.

2 REFLEXÕES ACERCA DA MÚSICA

A música está presente na nossa vida mesmo antes de nosso nascimento. Ela faz parte do nosso cotidiano, tenhamos ou não consciência disso. Entendendo a música como dimensão constituinte do ser, me proponho a pensar e a pesquisar sobre de que forma a música pode ser abordada nas práticas diárias pelo/a professor/a dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Granja (2006), “a música é uma linguagem característica do modo humano de ser. Somos todos seres musicais por natureza, assim como somos seres linguísticos, matemáticos, corporais, históricos, etc.” (GRANJA, 2006, p.154). Tal afirmação nos faz refletir sobre a importância da presença da música na escola, esta entendida como *lócus* privilegiado do conhecimento, que portanto precisa garantir o desenvolvimento da musicalidade, assim como de outros aspectos igualmente importantes na constituição do ser humano.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de incluir, na nossa formação em Pedagogia, um estudo mais completo sobre o tema, já que, com a obrigatoriedade da música nos currículos da Educação Básica, através da alteração da lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da promulgação da lei 11.769/2008, a música passa a fazer parte de maneira formal nas escolas, como veremos adiante de forma mais detalhada.

Entendo que seja importante e legítimo que a música seja trabalhada nas escolas por um profissional especialista da área de música. Ao mesmo tempo, é importante que todos/as os/as professores/as de crianças tenham uma abertura à música e a possibilidade de garantir experiências musicais significativas às crianças, até para que possam abrir-se a parcerias mais qualificadas com os/as especialistas.

Sob essa ótica, questiono: como nós, professoras/es, podemos integrar a música em nossas aulas, de maneira a proporcionar momentos significativos aos nossos alunos? Como o profissional específico de música e professor/a dos Anos Iniciais podem trabalhar conjuntamente? Como a música pode se apresentar nesses contextos, tentando garantir aos sujeitos envolvidos experiências significativas com ela?

Segundo Bellochio e Figueiredo (2009), “a música é uma prática social que está presente em todas as sociedades e culturas. (...) Se a música faz parte da experiência humana em diversos momentos de vida e com diversas funções, também faz parte da escola” (BELLOCHIO; FIGUEIREDO, 2009, p. 37). Fazer parte da escola não significa estar fixa em

uma grade de horário, pelo contrário, significa que a música precisa fazer parte, da vivência dessas pessoas, de modo geral.

Os caminhos dessa pesquisa, assim, se construirão a partir das perguntas feitas acima, principalmente na tentativa de responder como o/a pedagogo/a, professor/a dos Anos Iniciais, pode integrar a música nas suas práticas cotidianas, assim como trabalha outras disciplinas.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Identificar e refletir sobre possibilidades de o/a professor/a dos Anos Iniciais trabalhar a música nas suas práticas pedagógicas.

3.2 Objetivos Específicos

- Estudar referências sobre a relação entre Música e Educação;
- Conhecer os documentos brasileiros que orientam a presença da música nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- Conhecer o que dizem os professores especialistas em música sobre a importância dessa arte e como ela pode ser trabalhada por professoras/es dos Anos Iniciais;

4 SOMOS SERES HUMANOS, SOMOS SERES MÚSICAIS

A escolha do tema inicialmente se deu no âmbito pessoal, a partir da minha vivência estética com a música quando fiz aulas de violão clássico, por um período de aproximadamente dois anos. Nesse curto espaço de tempo, tive contato com algumas obras de autores clássicos da música erudita. Essa experiência me trouxe muitos questionamentos, pois vi despertar em mim sensações desconhecidas e que me intrigavam. Eu ansiava por saber mais sobre essas sensações.

Como poderia *La Catedral*, de Augustín Barrios, causar tantas variações no ritmo do meu coração, na minha respiração, nas minhas emoções? Por que *Mazurka Chôro*, de Villa Lobos, me transportava aos caminhos distantes de minha infância, e me fazia o coração sufocar de tanta saudade? Porque *Cello Suite No. 1 in G Major*, de Johann Sebastian Bach, me fazia sentir a vontade de correr para um lugar que tampouco sabia onde era e ao mesmo tempo me trazia uma tranquilidade tão serena? Meu professor, como bom mestre que era, nunca deu as respostas, apenas me mostrava o caminho, para que pudesse descobrir sozinha.

Toda essa avalanche de sensações me inquietava e eu não achava resposta; tentava encontrá-la nas próprias músicas, então mergulhava numa busca incessante por essas respostas. Ao final, não eram mais respostas que eu procurava, mas sim viver esses momentos da forma mais intensa que eu poderia, e isso se tornou vital para mim.

Foram momentos de muito aprendizado, de uma escuta atenta, e de um envolvimento com as obras trabalhadas. Desenvolvia, além da escuta, técnicas, ao aprender a tocar um instrumento, no caso o violão, e aos poucos ele ia se tornando parte de mim. Descobri uma afinidade entre mim e este instrumento. E ao caminhar junto a ele na busca das notas, dos sons e da música, me sentia mais livre e certa do que buscar. Buscava desenvolver a minha sensibilidade e musicalidade, tendo em vista uma harmonização entre mim e o mundo.

Passar por essas experiências naquela época me fez entender melhor o mundo que me cercava, especialmente levando em consideração minha idade, a adolescência. A partir dessas vivências comecei a refletir sobre a importância da música como elemento constitutivo do próprio ser, pois, como hoje sei, “promover o ser humano é a principal função da música” (LOPES, 2008, p.6). Sentir-me mais humana era o que acontecia nessas experiências que relato. Se acreditamos que a música tem essa capacidade de promover a humanidade, foi isso

que tal experiência veio me mostrar. A música me trouxe e promoveu o que eu tinha de mais humano, o que só por meio dela poderia acontecer.

Fazer o curso de Pedagogia também foi uma escolha influenciada pela música e pelo meu professor de violão, Marcos Xavier. Como o meu interesse era pelo instrumento violão, queria me aprofundar musical e tecnicamente com ele. Entretanto, cursar bacharelado em violão não me permitiria estar em sala de aula na rede pública, dando aulas para crianças como professora regente de classe. Então me decidi pela Pedagogia, pois só assim teria a formação adequada para trabalhar com as crianças, a música estaria comigo e com certeza iria permear minhas práticas. De que forma? É claro que nisso eu ainda não pensava. Até porque esse contato mais direto com a música aconteceu num curto espaço de tempo, e eu e o violão acabamos nos afastando. Mas em mim, hoje, está tudo aquilo que a música me fez ser.

Chegar ao final do curso de Pedagogia e perceber que não havia tido um contato mais sistemático com esse campo de conhecimento durante a formação, me despertou o interesse em desenvolver esta pesquisa como trabalho de conclusão de curso. Comecei a pensar nas relações entre a música e a educação, e os caminhos que ambas podem percorrer, eu ocupando o lugar de pedagoga pensando a música, um campo de inter-relações que, posso afirmar, é agora um pouco menos desconhecido para mim do que era antes de realizar este trabalho.

Como já citado anteriormente, em 2008 a lei 11.769 alterou a lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e instituiu o ensino de música como obrigatoriedade: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 2008, parágrafo 6), sendo que o parágrafo 2º diz respeito ao ensino de arte. Reconhecer a importância de ter a música presente na educação de forma legítima abre um espaço maior para pensarmos essa área do conhecimento.

Muitas perguntas emergem. A música deve ficar restrita a uma grade de horário estabelecida? E os outros professores, em especial o professor dos Anos Iniciais, por não ter uma formação musical específica, está condicionado a não poder trabalhar com a música? Isso não estaria dando força aos estigmas que a área das artes em geral carrega, de para “gênios” ou alguns poucos eleitos da sociedade? Teríamos a possibilidade de realizar um trabalho transversal no qual a música perpassasse as várias etapas do ensino e não ficasse estagnada em um momento único? E com essa obrigatoriedade na lei, o que os próprios professores da área estão pensando?

Algumas dessas perguntas vêm sendo tema de estudos, como a pesquisa realizada por Azor (2010) na Rede Municipal de Florianópolis, para identificar exatamente como os professores de música estão pensando sobre essa obrigatoriedade e quais suas ações nessa disciplina. Azor constatou que há uma distância muito grande entre os professores da área e os demais professores, além da falta de profissionais com formação específica, abrindo espaço para que pessoas sem formação superior especializada atuem como professores dessa área, pois a lei é permissiva quando diz que o/a profissional não necessariamente precisa ser licenciado/a em música.

É preciso que se pense mais seriamente sobre essas questões: abrir portas para o ensino da música sem ter profissionais “qualificados”, compromete a própria especificidade da área. Shafer (2011), por exemplo, defende que a música da forma tradicional deve ser ensinada por especialistas, sem concessões, pela complexidade que essa área do conhecimento exige. Esse não será o foco desta pesquisa, mas é importante que pensemos um pouco sobre o tema, levantando questões para possíveis pesquisas futuras.

Quando me refiro ao termo “profissionais qualificados”, estou fazendo uma crítica ao que a lei permite, pois ao reconhecer não existirem professores suficientes na área de música, o texto diz que o profissional que irá atuar na escola não terá que necessariamente, ser licenciado em música. A lei acaba sendo ambígua pois permite interpretações acerca de seu texto, em última instância, fica subentendido o direito à música, mas não que deva ser ministrada pelo profissional da área. Mas para assumir o papel de professor, independentemente da área, subentende-se uma formação teórica, pois de outra forma, como pensar e olhar adequadamente cada sujeito ali na sala de aula? Ou ainda, como garantir seus direitos básicos à educação, se o professor não dedicou ao tema um tempo de estudos suficiente e bem orientado? É sob essa ótica que reafirmo a importância da formação plena do profissional professor de música, e também da atenção à música no curso de graduação em Pedagogia, pois somente dessa forma os graduados em Pedagogia poderão oferecer aos seus alunos atividades e reflexões acerca desse campo de forma significativa.

É evidente que esta discussão não está separada de outra mais ampla, sobre qual é hoje o papel da escola. Essa indagação sobre a função da escola dá subsídios para pensarmos mais amplamente nos motivos pelos quais a área de música, especificamente, esteve à margem do processo educacional durante muito tempo, assim como nos motivos pelos quais as artes em geral, na escola, muitas vezes são vistas de maneira isolada das demais disciplinas. Seria essa separação um fruto do próprio modelo de sociedade em que vivemos, onde tudo é fragmentado e isolado? A escola, em seu interior, separou/fragmentou também as áreas? O

cognitivo e emocional, partes indissociáveis do ser, como são vistos na escola? Granja nos ajuda a pensar sobre isso:

O desaparecimento gradual da Música na escola reflete, de alguma maneira, uma crescente desvalorização desse conhecimento pela sociedade. A dinâmica de funcionamento de uma sociedade industrial impõe uma outra configuração de valores, onde o conhecimento técnico científico acaba se sobrepondo ao conhecimento de natureza artística, como é o caso da música.

Se na antiguidade essas duas formas de conhecimento eram indissociáveis, hoje há uma clara separação entre arte e ciência gerando uma concepção falaciosa segundo a qual a ciência seria produto exclusivo do pensamento racional, e a arte, do pensamento mítico, onde prevalece a imaginação, a intuição, a sensibilidade; ora, a ciência não existiria sem imaginação, intuição e emoção diante do desconhecido. Do mesmo modo, a prática e a criação artística requerem conhecimento técnico e disciplina, exigindo do artista um pensamento lógico articulado com a sensibilidade. (GRANJA, 2006, p. 103 e 104)

Neste mesmo contexto Girardello (2011) afirma: “um dos preconceitos modernos mais destrutivos é o de que a arte e a ciência sejam interesses diferentes e incompatíveis” (Bronowski, *apud* GIRARDELLO, 1978, p.3). Segundo a autora, a criança tem necessidade de emoção imaginativa, entre outros aspectos, vivenciada também através das artes. Tentar romper com essa compreensão separatista se torna interesse desta pesquisa, quando proponho refletir sobre a importância da música, e sobre as possibilidades de incluí-la no espaço escolar além das aulas específicas previstas no currículo. Pois é preciso de tempo, de momentos contemplativos, para que nosso corpo repleto de sensações possa dar sentido às experiências vividas.

No entanto, o “tempo livre” nem sempre é bem visto dentro das instituições educativas, assim como em nossa sociedade de modo geral. Momentos frutivos, contemplativos, necessitam de um tempo para que haja uma vivência interior. É preciso que os conhecimentos sejam sentidos pelo o corpo, passando pelas veias de nossa emoção, pois só assim esses saberes passam a fazer parte de nós, em um contínuo processo de nos tornarmos humanos.

Como afirma Charlot (2000), “o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal, deve ser educado” (CHARLOT, 2000, p.52). Precisamos aprender a ser humanos, e isso só acontece, segundo o autor, porque nascemos em mundo na qual outro humano já existe, e nos ensinará todo esse processo de hominização. Nesse sentido, a educação escolar, na tentativa de tornar esse ser, HUMANO, não pode deixar de fora de seus currículos a dimensão artística em toda sua completude. Sendo assim, a música, objeto desta pesquisa, precisa ser pensada

em uma dimensão mais ampla, de uma educação cujo objetivo maior seja o desenvolvimento humano, como afirma Granja (2006).

Defender uma educação musical mais ampla e presente, buscando formas de incluir a música no cotidiano escolar nos Anos Iniciais, integrada organicamente à prática do docente de classe, torna-se um desafio. Dessa maneira, a intenção deste trabalho é justamente contribuir para a identificação de referenciais que ajudem a pensar caminhos possíveis de integração entre a música e esse docente sem formação musical especializada.

Um ponto importante para uma efetiva integração é desconstruirmos na prática os estigmas que muitas vezes são atribuídos às artes em geral, como a ideia de que não estão ao alcance de todos. Ao se referir à música, Granja (2006) afirma:

É preciso retomar a dimensão da música como um conhecimento acessível às pessoas comuns. Todos nós somos seres musicais por natureza, assim como seres linguísticos, matemáticos, corporais, históricos, etc. A música deve ser uma linguagem contemplada na escola porque é uma linguagem própria do homem e não apenas do músico. (GRANJA, 2006, p.105)

Essa afirmação de Granja, encontrada também nos referenciais lidos ao longo desta pesquisa, assim como nas entrevistas, já seria um primeiro passo para que pudéssemos pensar de que forma a música pode estar inserida na educação de forma contínua, sem termos que nos preocupar em justificar sempre a sua importância.

Entretanto, ainda é preciso enfatizar essa importância, na tentativa de garantir um espaço permanente na Educação, no qual os sujeitos envolvidos tenham a oportunidade de desenvolver a linguagem musical, e, assim, sua humanidade.

É por essa vertente, apoiando-me no aparato da lei que define a música como obrigatoriedade, na importância e na especificidade da música em si, que desenvolvo esta pesquisa, para procurar entender como nós, pedagogas/os, podemos trabalhar de forma significativa a música em sala de aula. De preferência, juntamente com o professor especialista em música, porém considerando também o que pode o/a professor/a fazer quando não existir essa possibilidade.

5 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi realizada através de dois procedimentos principais. O primeiro é uma revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos em torno da relação entre a música, a educação, e as possibilidades de ação do/a professor dos Anos Iniciais. Foram realizadas também entrevistas semiestruturadas, sobre os mesmos temas, com professores especialistas em música.

Grande parte dos referenciais estudados foram retirados da revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), por indicação de minha orientadora. Esta revista é uma importante fonte de pesquisa sobre educação e música, pouco explorada por profissionais de outras licenciaturas, e da qual só tive conhecimento agora, em virtude da realização desse trabalho. Outros referenciais usados na pesquisa foram indicações do professor Xavier, as quais usei diretamente, ou me deram bases para a construção de um pensamento acerca do assunto proposto.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entendeu-se que entrevistas semiestruturadas, ofereceriam maior possibilidades para reflexões, pois permitem ao entrevistado falar, segundo seus conhecimentos, aquilo que julga necessário. Como afirma Goldenberg (1999), cabe ao pesquisador ter a maior clareza possível do tema que irá perguntar, e se concentrar no que o entrevistado tem a dizer, evitando assim direcionar as respostas para que concordem com preceitos que se tenha *a priori*.

Meksenas afirma que “a pesquisa empírica não é mera descrição do real como este se apresenta aos olhos do investigador. Ao contrário, é preciso que tais olhos sejam municiados de instrumentos analíticos: conceitos, teorias, concepções de filosofia entre outros.” (MEKSENAS, 2002, p.124). Logo, nenhuma pesquisa é neutra, pois carrega todo o acúmulo de conhecimento e o modo como o pesquisador pensa esses conhecimentos.

Sendo assim, esta pesquisa busca dar passos iniciais na direção do que Saviani (1991) denomina de *monografia de base*, ou seja, é “um estudo do tipo indicado que organiza as informações disponíveis sobre determinado assunto, preparando o terreno para futuros estudos mais amplos e aprofundados.” (SAVIANI, 1991, p.164). Ao longo do trabalho surgiram para mim questionamentos, reflexões e hipóteses, que a presente pesquisa não dará conta de discutir, dado o âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Com a revisão de literatura e as entrevistas, porém, procuro identificar alguns caminhos que o/a

professor/a dos Anos Iniciais possa trilhar para ter a música mais presente em seu cotidiano com as crianças

6 REVISÃO DE LITERATURA

6.1 Algumas reflexões acerca da música

O objetivo maior dessa pesquisa é encontrar caminhos e possibilidades para que o/a professor/a dos Anos Iniciais possa incluir a música em suas práticas. No entanto, ao fazer as leituras sobre o tema, percebi que alguns conceitos e reflexões apareciam constantemente, e por isso julgo importante tratá-los aqui. Entre eles estão a importância da música, do som e do silêncio. Não temos pretensões de esgotar esses temas, é claro, ou de oferecer argumentos únicos como verdades absolutas, mas sim de apresentar algumas ideias preliminares, como fundamentação para refletir.

Mesmo antes de nascer estamos expostos à sonoridade. O pulsar do coração da mãe, da sua circulação sanguínea, além dos próprios sons do corpo do bebê, legitimam o seu existir, fazendo parte de seu “pequeno” universo sonoro até o nascimento, momento em que muitos outros sons passarão a fazer parte de sua vida. Os sons que nos chegam, mesmo sem darmos conta, são a expressão da própria vida, como afirma Brito (2003), daquilo que nos cerca e que somos condicionados e educados a ouvir.

Schafer afirma que “ruído é qualquer som que interfere. É o destruidor do que queremos ouvir. (...) Para o homem sensível aos sons, o mundo está repleto de ruídos” (SCHAFER, 2011, p.57). Sobre essa afirmação é possível repensar nosso próprio cotidiano. O quão sensível está nosso ouvido para essa escuta? Há algum som que nos incomoda? Qual? O que queremos escutar? Será que estamos sabendo ouvir, ou estamos acostumados com os *sons do mundo* e por isso já não nos questionamos mais sobre isso? Pois, se já não nos questionamos mais sobre esses aspectos, me parece que estamos naturalizando esses *sons*, sem saber dizer o que queremos ouvir, nos acostumando com aquilo que nos chega.

Há uma sugestibilidade hipnótica sobre os motores que nos faz imaginar se, à medida que invadem totalmente nossas vidas, eles não podem estar mascarando todos os outros sons, nos reduzindo, no processo, a aquiescentes bípedes dopados, tateando indolentemente em volta, num mudo transe hipnótico. (SHAFER, 2011, p.176).

Shafer faz uma referência aos motores que, em sua opinião, dominam a paisagem sonora do mundo, em suas palavras são “sons não humanos”, que ocupam o lugar do som

mais precioso, que é a voz humana, e que devido a esses ruídos mecânicos tão intensos, e à exacerbação de sons do mundo de hoje, estamos cada vez ouvindo menos.

Porém, se estamos rodeados por sons, como poderemos pensar sobre o silêncio, elemento fundamental, na vida e na música? “O silêncio, não existe isso”. (Cage *apud* SCHAFER, 2011, p.59). A frase de John Cage citada por Schafer é fruto de uma experiência em que Cage, em uma câmara à prova de som, ouviu o grave da circulação e o agudo do sistema nervoso, e por isso afirmou a inexistência do silêncio. “O homem teme a ausência de som como teme a ausência de vida. Não há nada tão sublime ou atordoante em música como o silêncio.” (SCHAFER, 2011, p.60).

A impressão do silêncio, segundo esse autor, é também a impressão da falta de vida, por isso talvez o evitemos; no entanto é na expectativa do silêncio, das ondas sonoras que os ouvidos não mais conseguem distinguir, que estão as possibilidades de criação e de reflexão. Talvez o medo do silêncio faça com que convivamos com muitos sons, e não reflitamos sobre eles. Vivemos em uma sociedade do individualismo e imediatismo, em que a exacerbação dos sons nos garante o sentimento da própria existência. No entanto, “é preciso ouvir o silêncio, seja no som, na música ou em nossos pensamentos, como forma de dar sentido ao mundo em que vivemos” (GRANJA, 2006, p.79).

Tratamos até o momento sobre o som, o silêncio e o ruído, elementos tão importantes, que, como poderemos perceber, não estão relacionados somente à música, mas também a todo o nosso cotidiano, e que interferem no nosso modo de estar e existir. Por serem tão sutis, eles acabam passando despercebidos aos nossos ouvidos, no entanto ali estão, nos influenciando. Por isso, apoiada nos referenciais teóricos citados acima, justifico a importância de uma escuta atenta para aprender a ouvir, sendo preciso que se garanta essa escuta nas escolas.

Por enquanto ainda não falamos de música, e sim de alguns dos elementos que a constituem, como o som, que, segundo Brito, é diferente da música: “As características do som não são, ainda a própria música. Mas a passagem do sonoro ao musical se dá pelo relacionamento entre sons (e seus parâmetros) e silêncios”. (BRITO, 2003, p.26). Então podemos perceber o silêncio como elemento fundamental na música.

Som e silêncio não se opõem na música. Ao contrário, ambos são elementos constituintes do som e da própria música, e estão sempre dialogando. Num mundo onde há cada vez menos espaço (ou tempo) para o silêncio, considerar esta articulação torna-se uma necessidade crucial para se fazer, pensar e ouvir música. (GRANJA, 2006, p.78).

Schafer (2011), em seu livro *O ouvido pensante*, já citado, traz, junto a seus alunos, nas aulas de música, a reflexão acerca de uma definição de música, pois quando perguntava a eles o que é música, muitos se arriscavam a dar uma definição, tal como "música é algo que nos faz sentir bem", "música é tudo aquilo que tem ou produz som". A partir dessas definições dadas pelas crianças, o autor problematiza o tema, e nos faz pensar que não há como definir música. Podemos pensá-la a partir de seus componentes, mas fechar uma definição seria como limitar suas possibilidades a um pequeno universo de adjetivos e conceitos. No entanto, ele provoca em seus alunos a ideia de intencionalidade, uma abertura inicial para pensarmos a música. Quem escreve ou faz algo, como neste caso a música, tem uma intenção, seja ela qual for. Assim, podemos refletir sobre a música, a partir do exposto, sob a ótica da intencionalidade.

Porém, chega-se a um ponto da pesquisa no qual aparece uma pergunta, ou em que ela fica mais evidente, sendo fundamental discuti-la um pouco mais, para depois seguirmos pensando a respeito do tema principal. Neste caso, a pergunta é: Qual a importância da música na escola, na vida, para o ser humano?

6.2 A música como necessidade humana

A percepção da música como necessidade humana pode ser o primeiro ponto a se pensar para justificar a música na escola. Se a entendemos como necessidade humana, a escola não poderia negar-se a desenvolver essa humanidade dentro de seus muros.

A música é importante na educação porque a música é importante no viver, como uma das formas de relação que estabelecemos conosco, com o outro, com o ambiente. Somos seres musicais, dentre outras características que nos constituem, e o jogo expressivo que estabelecemos com sons e silêncios, no tempo/espço, agencia dimensões que por si só são muito significativas. Fazendo música trabalhamos nossa inteireza, o que é essencial. (BRITO, 2010, p. 91).

Podem surgir questionamentos em torno dessa tentativa de explicitar a importância da música, já que ela hoje, como observamos, é obrigatória nas escolas de acordo com a lei, já apresentada. Contudo, pelo que pude observar nas leituras e entrevistas feitas, ter uma aula de música uma ou duas vezes por semana ainda é muito pouco quando se entende a sua importância. Por isso justifico a necessidade da reflexão sobre música, desencadeada pelas referências lidas.

Musicalizar a escola é mais do que simplesmente introduzir a música como disciplina curricular. É pensar numa real integração entre as diversas áreas do conhecimento, de modo a harmonizar os diferentes saberes do ser humano. (...) o ensino da música deveria ser prazeroso para o aluno, assim como a música é para as pessoas em geral. (GRANJA, 2006, p. 107).

Sendo assim, se torna fundamental entender que a música deve perpassar o ensino, e estar presente nas salas de aulas de forma efetiva, pois, como afirma Brito,

Não devemos (nem podemos) aprisionar a música em bancos escolares duros e imóveis. Música é movimento, aventura, criação, sensação, devir, e desse modo, considero, deve estar presente nos planos da educação. Respeitando tempos e lugares, e comunidades, buscando singularizar as experiências que emergem em distintos contextos, sem as amarras dos modelos e dos sistemas estritos que, não raro, tendem a aprisionar o fato musical em algumas de suas regras. É necessário instaurar campos de criação, de experimento, de potencialização de escutas criativas, críticas e transformadoras, abertas às “muitas músicas da música”, às paisagens sonoras, aos planos da improvisação, do cantar e dançar, da pesquisa, da produção de materiais sonoros e muito mais. (...) Estar atento ao modo como os alunos (criança, adolescente ou adulto) se relacionam com sons e músicas, reconhecendo e respeitando suas vivências e conhecimentos, sua cultura, os sentidos e significados que atribuem... deve ser uma questão de primeira ordem nos projetos de educação musical. (...) Fazendo música é possível integrar (ou dissociar!) corpo e mente, emoção e razão, intelecto e sensibilidade, intuição e raciocínio lógico, ação e reflexão. Assim é porque assim somos; porque a realização musical reflete consciências, sendo um dos modos de exercício expressivo de nossos modos de ser. (BRITO, 2010, p. 92 e 93).

Deste modo, a música precisa estar presente na escola pela relevância que tem em si, não como explicação para outras funções. Como somos seres humanos, nos desenvolvemos como um todo, e ao trabalharmos a música, outras áreas serão também desenvolvidas, Então, segundo Brito, pensar a música na escola é pensar “o humano como objetivo maior” (BRITO, 2010, p.93)

Entendendo que a música deva fazer parte da escola, assim como faz parte da vida, negar isso dentro das instituições é negar também parte da inteireza humana. O desafio é pensar como nós, professores sem formação musical específica, podemos trabalhar essa área do conhecimento em nossas práticas diárias. A revisão de literatura apontou para mim alguns caminhos possíveis.

6.3 A música e o professor não especialista, caminhos possíveis

Com base na revisão de literatura aqui realizada e nas entrevistas, que constituem o corpo central desta pesquisa, o que ficou muito claro para mim foi a possibilidade de nós, professores não especialistas em música, a termos em nosso cotidiano escolar, fazendo parte de nossas práticas. A música e o/a professor/a dos Anos Iniciais podem trilhar, sim, caminhos conjuntos. Esse foi o primeiro indicativo desta pesquisa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre o ensino de Arte que versam sobre a música indicam como eixos norteadores para o ensino, a produção, a fruição e a reflexão. Muito embora essas indicações dos PCNs sejam voltadas a orientar o/a professor/a especialista, são possibilidades que ajudam o professor de classe a pensar sobre o assunto. “Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula” (PCNs, 1997, p.54).

Por este motivo, Brito, citada por Lopes (2008), afirma

O importante na educação musical das crianças é o desenvolvimento do ser, a música vem como ferramenta de construção de um indivíduo, e não deve ser voltada exclusivamente à formação de futuros músicos. Deve ser usada como uma experiência significativa para a criança, para que seja realmente retida, transformada em informação útil, e não somente um aprendizado mecanizado. (...) Para as crianças, fazer ou ouvir música não significa seguir regras ou observar características, mas sim vivenciar o momento, aprender. (...) A música no Brasil sofreu (e sofre) com certos conceitos errôneos, como por exemplo, a prática de utilizar a canção de forma condicionadora, adestradora, para a hora do lanche ou a hora de ir embora, tornam a experiência musical vazia e sem significado para a criança, já que ela somente reproduz o que lhe foi ensinado sem nenhuma reflexão ou possibilidade de experimentação (Brito, *apud* LOPES, 2008, p.6).

A busca de sentidos, segundo Brito (*apud* Lopes, 2008), é fundamental quando pensamos em atividades com música, pois, assim como Granja (2006) e Shafer (2011) entre outros autores, Brito acredita que desenvolver o humano é o objetivo maior da música e de uma educação musical.

Nessa busca de sentidos e de promoção do ser, primeiramente precisamos refletir como vemos e pensamos as crianças que estão conosco em sala de aula. Com o Ensino Fundamental de Nove Anos (BRASIL, 2004), a criança entra na escola agora com seis anos, e segundo o próprio documento oficial de orientações, ter essa criança no Ensino Fundamental um tempo maior se justifica pelas experiências e convívio com o saber, gerando maior aprendizagem, com uso adequado desse tempo. Conforme o documento, não se trata apenas

de transferir à criança que entra na escola o mesmo que era ensinado anteriormente, mas, sim, de buscar uma nova forma de pensar o ensino, indo ao encontro das necessidades da criança, já que ela entra agora na escola com seis anos de idade.

Como o recorte dessa pesquisa tem seu foco nos Anos Iniciais, precisamos de um olhar atento a essa criança em sua transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Precisamos assegurar seu direito inalienável de ser criança, e não cometer o erro muito comum de direcionarmos o olhar para as crianças nessa etapa da educação, vendo-as somente como alunos. Se agíssemos dessa forma, não estaríamos vendo-as em sua inteireza, suas particularidades e necessidades. Em primeiro lugar elas são crianças; então, antes de pensarmos no currículo e no ensino, precisamos olhá-las e vê-las como sujeitos de direitos que são. Elas possuem o direito de brincar, de se inter-relacionar e de se desenvolver plenamente. Esses preceitos precisam ser considerados antes de mais nada.

E como estamos ouvindo essas crianças?

Ouvir, perceber e buscar compreender como a criança brinca, canta e fala é uma condição sensível ao mundo no qual um professor trabalha, (...) As experiências musicais na infância podem ser muito ricas se ouvidas, refletidas, instigadas. O ouvir musical é parte da atividade de apreciação no processo de aprender música. (BELLOCHIO, 2011, p.59).

Podemos perceber a importância de um ouvido sensível, ou de nos tornarmos sensíveis aos movimentos das crianças, para perceber o que nos dizem: só assim conseguiremos ensiná-las a ouvir. Com a correria do dia-a-dia esquecemo-nos de ouvir, ou desaprendemos de fazê-lo, porém é preciso garantir às nossas crianças momentos de fruição, de contato direto com a música, deixando despertar nelas as várias sensações que a música pode provocar.

No entanto, quantos momentos de escuta sensível e de fala das crianças estão previstos em nossos planejamentos diários? “Quantas vezes e por quanto tempo já silenciemos nossas crianças? Quantas vezes e por quanto tempo já nos silenciaram? Por que já silenciemos e nos deixamos silenciar?” (BELLOCHIO, 2011 p. 60). Bellochio nos faz um convite singelo: que comecemos na escuta de nossa própria voz, percebendo as várias formas do nosso existir sonoramente, e depois que escutemos as crianças em nossa sala de aula, atentos às maneiras como elas utilizam sua voz, aos sons que se permitem fazer e em que situações os utilizam. Quando me refiro a ser um convite singelo, isso não significa menos importante, objetiva apenas fazer com que este, seja entendido como um primeiro passo para explorar os sons e perceber aquilo de que o nosso corpo é capaz.

Falar de som não é falar diretamente em música, pois, como afirma Shaffer (2011), nem todo som é música, sendo preciso, como já mencionado, perceber os sons que nos cercam e as suas possibilidades, como uma forma de nos conhecermos melhor, e de darmos significado a nossa própria forma de existir.

Parece simples, mas trata-se de um primeiro passo fundamental: ouvir as crianças, conhecê-las, conhecer seu universo musical. “Também não esqueça que é preciso pensar sobre o que lhe toca e produz sentidos” (BELLOCHIO, 2011p. 61). Não podemos ensinar ao outro, ou produzir sentido, se não sabemos o que nos move. É preciso que antes de mais nada, o/a professor/a, seja um/a bom/boa ouvinte, que ele/a escute muitas músicas e que se reconheça nesse processo musical, para poder ofertar ao próximo um processo semelhante.

Por isso, a importância do ouvir e do aprender a ouvir, a reconhecer os sons, a refinar o ouvido, para reconhecer quais emoções, e sensações a música pode proporcionar. Essas sensações, vitais ao ser humano, precisam permear todas as etapas da vida. Como professoras e professores, precisamos garantir esses momentos de vivências na escola junto às crianças.

Mas, volto a reforçar, só poderemos fornecer essas vivências, se também nos permitirmos tê-las. Dito em outras palavras, para trabalhar com música, mesmo não tendo uma formação musical, segundo os referenciais lidos, é preciso que aprendamos a escutar música, a ter um ouvido sem preconceitos musicais, pois só poderemos ampliar o repertório das crianças se nos permitirmos reconhecer nessas crianças o quanto de música trazem em si, e tendo como objetivo mostrar novas possibilidades a elas.

Outro ponto muito importante que Bellochio coloca, e que nos aflige muito, é o cantar. No entanto, de uma maneira bem simples, e não poderia ser de uma outra forma, a autora afirma o seguinte: “se o sistema fonador e o ouvido não possuem lesões, pode-se ouvir e emitir o que é ouvido” (BELLOCHIO, 2011, p. 63). De uma maneira geral e sem pretensões maiores, podemos então afirmar que, considerando essas condições, toda e qualquer pessoa pode cantar, tem a capacidade de cantar de uma forma que considere agradável, já que na maioria das vezes não cantamos pelo medo de desafinar.

A proposta não é sair imitando o que escutamos, mas sim perceber a nossa capacidade vocal, e para isso, segundo a autora, não há outra forma de aprender a cantar que não seja cantando. Entretanto, ela faz uma ressalva muito importante e que talvez passe despercebida por nós, professoras e professores: “é preciso antecipar mentalmente como você quer que o som soe” (BELLOCHIO, 2011, p.63). Acredito que isso aconteça muito: Quando não nos escondemos de cantar, acabamos cantando sem pensar, sem projetar mentalmente de que forma queremos que determinada música aconteça sonoramente.

Talvez algum especialista, ao ler estas palavras, poderia dizer que a prática de cantar, de fazer música com a voz, não seja algo assim tão simples. O que, em fato, é verdade. Mas aqui a proposta não é que se tenha um professor em sala de aula com técnicas vocais e musicais refinadas, - não que isso também não seja muito importante - mas a intenção é mostrar como nós, professores não especialistas em música, podemos trabalhar a música em sala de aula de uma maneira significativa para as crianças, por essa razão enfatiza-se essa simplicidade no pensar a voz, os sons e a música.

É preciso se aventurar, não ter medo de cantar, e procurar cursos, oficinas, que ajudem a desenvolver o canto. Se nos escondermos, e não cantarmos junto às crianças, não aprenderemos a cantar, muito menos a pensar possibilidades de abrir espaço na escola para o canto e a música, pois usaremos sempre a justificativa de não termos formação.

Bellochio e Figueiredo (2009) chamam atenção para a ideia que os/as professoras/es têm de não poderem trabalhar com música por não serem especialistas. Elas discordam dessa ideia, pois entendem que esses/as profissionais podem não ser especialistas em música, mas antes de tudo são estudiosos/as do desenvolvimento humano. De certa forma, isso nos deixa mais confortáveis para pensarmos atividades ligadas à música nos planejamentos escolares. Se nos falta o conhecimento musical especializado, temos, por outro lado, muitos conhecimentos sobre a criança, sobre seus processos de desenvolvimento tão singulares, e as conhecemos e reconhecemos dentro do espaço da sala de aula, já que estamos diariamente com elas. Porém, se pudermos contar com o/a professor/a especialista em música nas escolas, essa parceria seria um caminho possível e desejável para a garantia da presença da música na educação das crianças.

Reafirmo que não se está aqui defendendo que não seja preciso formação, pelo contrário. “Por certo, as professoras de Educação Infantil e Anos Iniciais precisam de formação musical e pedagógico-musical que lhes possibilitem pensar e fazer música.” (BELLOCHIO e FIGUEIREDO, 2009, p.40). Em realidade temos um grande problema: a falta de formação musical que a maioria de nós, professores/as dos Anos Iniciais tivemos ao longo de nossa vida escolar. Mas essa falta não pode se tornar uma justificativa, que faça com que nossos alunos também não tenham essa formação, ao contrário: isso torna nossa responsabilidade ainda maior.

Pelo que aponta a literatura, a escuta e o canto são alguns dos caminhos para a integração da música no dia-a-dia das crianças na escola. Feitas as devidas ressalvas - principalmente a falta de formação- é preciso que se procure meios que auxiliem nesse

percurso. Textos, vídeos, oficinas, cursos, e a formação continuada, podem contribuir, como mostram a literatura e as entrevistas feitas, que apresentaremos adiante.

Um outro elemento que aparece na revisão de literatura, e que é discutido por Beineke (2011), são os significados produzidos pela criança, quando faz música em grupo,

Para as crianças, a aprendizagem ocorre na interação entre elas, nos processos sociais criados nos grupos, quando tomam suas próprias decisões, sendo fundamental também a qualidade do seu engajamento no trabalho. Assim, a aprendizagem ocorre, segundo as crianças, quando elas têm o controle sobre a sua própria aprendizagem. (...) As crianças consideram as suas composições segundo seus conceitos sobre a natureza social e interativa do fazer musical, entendendo que o valor musical não está na peça nem no estilo, mas na forma como as pessoas se relacionam para ouvir e tocar. (BEINEKE, 2011, p.101 e 102).

A autora observou um grupo de crianças em aulas de música com uma professora especialista. As crianças trabalharam composição, interpretação e apresentação de suas produções. E em todo momento foi observado o uso social da música, que só se constitui como tal em referência ao outro. Em outras palavras, apareceu aí a preocupação de fazer algo para o outro, ou seja, uma intencionalidade, a música ligada à interação social. A conclusão foi que a música é voltada também para o outro, e no outro ela ganha significado. Por isso a autora afirma que “mais do que os produtos elaborados em aula, o foco são as aprendizagens colaborativas, de seres humanos que se relacionam fazendo música, que se escutam e que aprendem uns com os outros.” (BEINEKE, 2011, p. 103).

Nessa perspectiva, pode-se pensar em alternativas que contemplem atividades musicais em grupo, como propõe essa mesma autora em parceria com Veber (2010), em artigo no qual discutem as possibilidades de transpor para a sala de aula um ambiente, no caso, um parque de diversão. Usando instrumentos, vozes e o próprio corpo, as crianças, foram dando vida para que o parque acontecesse em sala de aula. Essa é uma das possibilidades de contemplar a música e envolver o aluno no processo, dando sentido às ações realizadas. O parque de diversão faz parte do universo da criança, do imaginário delas, mas se não conhecessem o local proposto, o professor poderia mostrar a elas um vídeo, mostrar imagens, e pedir que observassem todos os elementos daquele local.

O que propõem as autoras é que as crianças recriem um determinado universo, usando instrumentos convencionais ou objetos sonoros, sua voz e o próprio corpo na composição do cenário. Para que isso aconteça é preciso haver participação e o comprometimento de todos. Nesse processo as crianças trabalharam com composição, um elemento tão importante em

música, e que às vezes parece tão difícil de ser trabalhado para quem não é um conhecedor da área. Mas ao transpor sonoramente os elementos de um parque de diversão em grupos, elas trabalharam as possibilidades de criar, recriar e experimentar sonoramente o que pode ou não representar um brinquedo ou uma situação.

Para a exploração desse exercício é possível que se faça variações a partir da proposta. Beineke e Veber (2011) discutem, por exemplo, a técnica de sobreposição, na qual cada grupo que ficou responsável por recriar um ambiente do parque se une, e que as crianças, sob a regência do professor (em um primeiro momento), explorem as variedades sonoras, dando vida ao parque de diversões, tentando recriar toda sua dinamicidade. A sobreposição, nesse sentido, se dá em relação aos vários movimentos sonoros que acontecem simultaneamente. Na dinâmica do parque de diversão, o maestro, que pode ser o professor ou a criança, vai escolhendo quais elementos entram no jogo, quais se sobrepõem e em que momento, e assim vai dando vida àquele conjunto. A partir desse exercício são possíveis muitas variações, segundo as autoras, desde a possível confecção de objetos sonoros, até ao produto final que, observam elas, se torna o menos importante, já que toda riqueza está na caminhada e nas possibilidades abertas pelo exercício.

O termo *objeto sonoro* é usado por Brito (2003) para designar qualquer objeto de cuja exploração consigamos extrair sons, sendo ele confeccionado intencionalmente, ou qualquer objeto disponível a nossa volta.

A autora define fonte sonora como “todo e qualquer material produtor ou propagador de sons”. Para ela os instrumentos são como extensões do corpo humano, ampliando as possibilidades de expressão corporal. Ressalta que a criação de instrumentos musicais seguiu uma trajetória de acordo com as possibilidades e necessidades do ser humano em sua época. (LOPES, 2008, p.7).

Em seu livro *Música na educação infantil*, Brito (2003) dedica uma seção especial a como construir instrumentos e objetos sonoros, dando dicas e sugestões para que o professor possa se aventurar junto às crianças, nesse fazer educativo. Lopes, citando Brito, no resumo que fez do livro de Brito, destaca:

A construção de instrumentos é uma atividade que desperta a curiosidade e estimula a experimentação de sons, faz com que a criança realmente se envolva com seu projeto, uma ouvinte atenta. Outro fato importante é a proximidade dela com o que fez, além de ser seu, é exclusivo, foi ela quem fez. (LOPES, 2008, p.8).

Esses instrumentos, segundo Brito (*apud* LOPES, 2008), podem ser confeccionados pela criança ou pelo adulto e podem ou não ter a forma de um instrumento convencional. Ao falar da importância e do significado da música para a criança, Brito (2003) acredita que as crianças precisam estar envolvidas em momentos de composição, improvisação e interpretação, e destaca atividades essenciais para elas, aqui citadas por Lopes (2008):

Trabalho vocal; interpretação e criação de canções; brinquedos cantados e rítmicos; jogos que reúnem som, movimento e dança; jogos de improvisação; sonorização de histórias; elaboração e execução de arranjos (vocal e instrumental); invenções musicais (vocal e instrumental); construção de instrumentos e objetos sonoros; registro e notação; escuta sonora e musical: escuta atenta, apreciação musical; reflexões sobre a produção e a escuta. (Brito, *apud* LOPES, 2008.p.7).

Sobre o trabalho vocal, Brito (*apud* LOPES, 2008) destaca a importância de cantar com e para as crianças, pois, ao fazer isso, o/a professor/a é modelo de como atuar com a voz, ao não gritar, procurando a melhor respiração e postura corporal. A autora destaca ainda a importância da escolha atenta de repertórios, procurando músicas diversas com vistas à ampliação do mundo musical da criança, e trazendo exemplos de músicas da cultura infantil tradicional, como parlendas e acalantos.

Os brinquedos de roda, segundo Brito (2003), são importantes, pois além de motivarem as crianças e os/as professores/as a cantar, também oportunizam o brincar, integrando essas necessidades humanas. Ainda segundo a autora, ao cantar, o professor pode sugerir que se inventem canções, propondo um tema, como por exemplo, o nome da criança, fazendo com que por meio dessa música ela se apresente aos demais; pode ser também criada uma música para o grupo, que irá ajudar na definição das características e identidades daquela criança ou grupo. Girardello e Azor (2010) também discutem a importância das brincadeiras de roda, brincadeiras musicais de faz-de-conta, que despertem nas crianças sua potencialidade criativa, bem como brincadeiras que contemplem a improvisação.

Para Brito (2003) a improvisação é muito importante e deve estar presente em todo o processo educacional, pois além de exercitar a imaginação, permite que as crianças possam expressar suas vontades. Isto, com vistas ao trabalho final, no qual a música precisa mostrar o desejo intencionado da criança que pensou tal composição ao improvisar. “A improvisação deve ocorrer durante todo o processo educacional, já que a música depende da expressão, seja na interpretação de uma partitura ou na composição.” (LOPES, 2008, p.13)

A sonorização de história é outro elemento que Brito (2003) assim como Werle (2011) destaca como possibilidades de trabalhar a música na sala de aula.

A forma como se narra uma história, variando a entonação de voz conforme as diferentes partes: ora mais grave, mais agudo, pronunciando mais rápido ou lentamente, suave ou mais forte, enriquecem a história e despertam as crianças para as variações sonoras que estão ocorrendo. (...)

Realizar uma história sonorizada junto aos alunos implica elaborar um enredo e um cenário sonoro através do qual será contada ou vivenciada. (WERLE, 2011, p.91).

Para as autoras, todas essas são atividades “simples”, pois como recurso a criança pode usar e explorar seu próprio corpo, bem como elementos da sala de aula, que podem se tornar objetos sonoros. Todas essas possibilidades podem ser mais enriquecedoras se realizadas junto às crianças, que irão pensar em alternativas para que os sons representem aquilo que desejam manifestar.

Entende-se que as histórias sonorizadas são um possível caminho para o trabalho sonoro-musical a ser realizado pela/o professora junto aos alunos. Contudo, é importante que a professora, ao conceber a relevância da educação musical como parte do desenvolvimento integral da criança, possa colocar-se em um constante movimento de busca por alternativas diferenciadas que possam ser contempladas em suas práticas docentes. Para isso, é preciso ressignificar a sua relação com a música, não restringindo ou limitando a sua atuação por não ter certa habilidade vocal ou com instrumentos convencionais. (WERLE, 2011, p. 91).

Então, segundo a referida autora, assim como os demais referenciais já apresentados, a educação musical, feita pelos/as professores/as não especialistas, é possível. Salienta-se, porém, a importância de esse/a professor/a buscar formação, para que suas práticas se tornem cada vez mais efetivas e significativas. Esse deve ser um movimento contínuo, no qual o/a professor/a, sujeito humano em sua completude, se perceba musicalmente, como sugere Werle, para que possa fazer escolhas e se identificar no universo musical frutivo ao qual todos nós pertencemos.

A experiência musical em si mesma, com a carga de possíveis que traz consigo e que propicia, deve bastar para justificar sua inserção nos territórios da educação. (...) Além do que, o fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar juntos, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. (...) O viver (e conviver) na escola – espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência –, deve,

obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem, incluindo a dimensão estética. (BRITO, 2010, p.91 e 92).

A dimensão estética, a fruição, o sentir, o despertar das sensações, são elementos do ser, da vida, que a música liberta e aos quais dá significados. Por isso, segundo os autores estudados, ela precisa estar na escola. Pela especificidade que carrega em si, e não por outros motivos. “Que a música deve fazer parte do processo de educação é quase consenso, mas percebe-se claramente que, não raro, os motivos alegados para tal tendem a se alocar fora do próprio fato musical.” (BRITO, 2010, p. 90). Logo, além de fazer parte da escola, a música, precisa ocupar um lugar pela sua importância. Com vistas “à superação de pensamentos/ações dualistas” (BRITO, 2010, p. 93).

A afirmação das possibilidades de integrar a música na sala de aula, indicadas ao longo desse texto, são resultados da pesquisa bibliográfica feita. Uma pesquisa singela, na qual a intenção foi de superação pessoal, tanto na pesquisa, como no processo de pensar e escrever os resultados obtidos. Me refiro à superação pois, por se tratar de alguém que se forma em Pedagogia e não tem conhecimentos na área musical, ler textos que versam sobre esse universo, interpretar e refletir sobre o que defendem os autores, requer uma postura investigativa, buscando vencer os medos.

A seguir, apresento as entrevistas que tive a oportunidade de fazer, com duas professoras e um professor de música, com formações e experiências diversas, e cujas ideias vêm enriquecer a presente pesquisa.

7 ENTREVISTAS: HUMANIZANDO IDEIAS E CONCEITOS

Foram realizadas três entrevistas com professores/as de música, que têm em seus históricos formações e vivências distintas com a música. São eles:

Marcos Xavier¹, músico autodidata, começou tocar violão aos 13 anos de idade. Fez apenas um ano de estudos no Conservatório Carlos Campos em Tatuí, (dos 14 aos 15 anos). Em 2000 mudou-se para Florianópolis, onde o desejo de estudar o repertório clássico levou-o a conhecer Roberto Rezende, com quem estudou por cinco anos. De volta a São Paulo em 2009, foi ganhador por duas vezes do concurso do Estado Mapa Cultural Paulista 2010/2011 e 2013/2014, na categoria música instrumental.

Cecília Marcon Pinheiro Machado², mestre em Música pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGMUS/UDESC), na linha de pesquisa Formação, processos e práticas em Educação Musical, integrante do grupo de pesquisa Música e Educação (MUSE), e licenciada em Música (2009) pela mesma universidade.

Francisca Cavalcanti³, que iniciou seus estudos de piano aos nove anos no Conservatório Brasileiro de Música/RJ. Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia, pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Música, na área de Educação Musical, no Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialização em Pedagogia e Música pelo Institut für Waldorfpädagogik, Alemanha. Especialização na Escola Desvendar da Voz. Desde 2007 é coordenadora do Curso de Formação em Canto e Cantoterapia no Brasil, pela Escola Raphael, fundamentada na metodologia da Escola Desvendar da Voz. Docente de Música em Seminários livres de formação de professores Waldorf.

As entrevistas com esses professores estruturaram-se em torno de quatro perguntas principais, sendo elas: Como os professores dos Anos Iniciais podem incluir a música em suas práticas de forma significativa? Qual a justificativa para a presença da música nas instituições

¹ Informações fornecidas pelo próprio professor.

² Informações retiradas do currículo lattes, disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4263912Y7>
Acessado em 28/05/2014.

³ Informações retiradas do currículo lattes, disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4430944T8>
Acessado em: 28/05/2014.

educativas? De que formas ela deve estar presente? Qual a importância da música na constituição do ser humano? Cada entrevistado/a teve a liberdade para expor o que achava mais pertinente, por não se tratar de perguntas fechadas. De acordo com as experiências e vivências de cada um/a, foram fornecendo subsídios, para que esta pesquisa pudesse ficar mais rica e humanizada. Para que se possa garantir uma inteireza na essência das palavras de cada entrevistado/a, opto por fazer as citações diretas do que eles disseram, ao invés de parafraseá-los/a.

A entrevistada Francisca Cavalcanti, mais conhecida em seu meio profissional como Chica Cavalcanti, começou a entrevista falando sobre a obrigatoriedade da lei de contemplar a música nos currículos escolares. Destacou a ambiguidade deste documento, pois ele prevê que o profissional não tenha necessariamente formação na área. Sendo assim, Chica falou um pouco do/a professor/a licenciado/a em música, e do/a professor/a de sala, refletindo como ambos/as concebem música e criança, e suas possibilidades musicais na sala de aula.

São duas categorias na verdade diferentes: o professor especialista em música, ele vai entender o ensino da música de um jeito. Na licenciatura, faltam para esse professor especialista aquelas disciplinas que dão embasamento sobre metodologias, como compreender esse aluno dessa classe, porque ele [o professor] não está [presente] todos os dias, talvez ele entre [na classe] duas vezes na semana. Ele não conhece a constelação cultural social, econômica, de todos os alunos, o cognitivo. Quem sabe disso é o professor que lida dia-a-dia com as crianças.

Então esse professor vai ensinar música de outro jeito. Porque a música na escola feita pelo professor de classe, o unidocente, vai englobar todas as linguagens e vai auxiliar ele também no contexto do conteúdo programático, para ajudar a criança a se motivar num todo, é uma visão global que o professor da classe tem. E o professor licenciado em música quer levar o programa de educação musical. Muitas vezes, ainda fica querendo trazer aquele primor da música, que depois, quando ele é mais experiente, percebe que não consegue, porque é diferente de uma aula de música de um conservatório. Na escola a música tem um sentido de socialização, de aprendizado mútuo, troca, parceria e isso é o que é bonito de música na escola.

Porque a música é uma linguagem de coração para coração. Quando você canta, eleva isso, a música traz leveza, sociabilidade, amorosidade. Esse é o ponto! A fantasia, a música é imagem pura, e quando a gente traz a música ligada ao conteúdo programático, todo aquele conteúdo se mescla com a fantasia da música, casa muito bem e estimula mais as crianças.

Agora, o professor que não teve educação musical, porque ele cresceu no Brasil - e no Brasil desde Villa Lobos que não se tem mais a música na escola, a não ser em escolas particulares muito caras - esse

professor vai precisar trabalhar em parceria com o especialista. Ver o que esse professor está fazendo, está cantando, e repetir em sala, e com isso quem ganha são as crianças. O primor e o entusiasmo com que elas vão fazer a música com o professor de classe é diferente do professor de música, que elas só veem duas vezes na semana. A criança percebe que há um elo, está tudo fazendo sentido e tudo precisa fazer sentido!

O professor de música precisa entender também que ele precisa do professor de classe, pra ele ver o que se está abordando nas aulas de matemática, geografia, ciências, qual o conteúdo, para trazer canções daquilo que se está ensinando para eles. Se não fica algo totalmente solto e sem nexos, não traz entusiasmo para as crianças, não promove, não convida as crianças a participar, não mexe, não vai lá no fundo.

Então você vê que um precisa do outro, e é isso que a gente precisa entender. Temos professores (de música) que saem da licenciatura, que não têm experiência nenhuma de escola, não sabem como fazer e ficam tontos para escolher repertórios e não sabem como escolher. E o professor que está ali com as crianças todos os dias, que sabe do currículo, do desenvolvimento da progressão, ele pode dar as dicas e pode também aprender um pouco de música trabalhando junto.

O professor que atende as primeiras classes nunca vai tomar o lugar de um professor licenciado de música, ele vai trazer a música, a roda rítmica, as brincadeiras, independente da aula de música. Nem o professor de música, nunca vai conseguir substituir esse professor. Então são duas categorias distintas e realmente a gente precisa dar as mãos.

(Francisca Cavalcanti, entrevista em 09/05/2014, grifos meus).

Chica lança questões importantes acerca da formação do especialista e do professor habilitado para os Anos Iniciais, expondo fragilidades e possibilidades de ambos. E destaca com pertinência a importância de ambos realizarem um trabalho em conjunto, beneficiando as crianças, nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Evidencia também a realidade da educação brasileira, quando analisa a falta de uma educação musical, o fato de termos passado pela escola sem essa vivência, e hoje, ao nos formamos professores, depararmos com esse problema real, pois não possuímos subsídios adequados para concretizarmos em sala de aula planejamentos que contemplem a música.

Tendo em vista essa realidade, Chica afirma:

A gente percebe um movimento nas universidades, as pessoas estão estudando currículo, estão querendo melhorar. A música tem que ocupar um espaço, ter uma carga horária para desenvolver um pouquinho de habilidade desse professor, para poder desenvolver uma roda, para cantar afinado, isso é essencial nos cursos de Pedagogia. E a formação continuada, para quem já passou pelo curso, precisa, sim, fazer. Participar de um *workshop*, um coral; se tiver condições, fazer um curso de canto, flauta, aí vai entrar o interesse em desenvolver

essa habilidade, uns com mais, outros com menos facilidade.
(Francisca Cavalcanti, entrevista em 09/05/2014)

Feitas essas considerações, problematizando os limites, mas também pensando possibilidades, perguntei a Chica sobre importância da música para o ser humano, já que ao longo desta pesquisa veio se afirmando com tanta veemência a necessidade de sua presença em sala.

Maravilhoso, na criança das primeiras séries - que está trocando os dentes e assumindo a sua corporalidade, que ainda não tem o sistema rítmico totalmente pronto, a circulação sanguínea, o batimento cardíaco, e a respiração ainda não é igual como a do adulto, o coração ainda é pequeno, o pulmão ainda está crescendo - o canto ajuda a harmonizar e equilibrar. Não só essa constituição física do sistema rítmico, da criança, como também a harmonizar toda essa fase em que ela saiu do infantil e está entrando no aprender, na alfabetização, puxando no intelecto. A música faz esse equilíbrio, para não criar estímulo demais intelectual, e trazer esse equilíbrio do sistema rítmico. Porque a música é carregada de sentimento, quando canta você respira melhor, isso é um ponto.

A música, ela é ritmo, harmonia e melodia condensados. Todos esses três elementos têm uma vida própria dentro da gente. Como se fosse uma música cósmica dentro do corpo humano. Os astros no céu têm sua órbita e tudo tem movimento. Toda planta tem uma onda sonora, o nosso corpo tem uma onda sonora, cada órgão nosso, interno, tem ondas sonoras. A gente tem órbitas, e essa música que a gente não consegue ouvir porque está longe, essa música cósmica que a gente não consegue ouvir aqui na Terra, a gente ouve através dos sons, das formas, dos instrumentos. Temos o ritmo dos batimentos cardíacos, mas temos também um ritmo do acordar e dormir, das estações do ano, dos 365 dias do ano, o ritmo está aí no universo.

A melodia tem um fio condutor, ela é uma ideia. Uma linha melódica é uma linha de ideias, vai no início, meio e fim, tem uma relação com o nosso sensorial. Enquanto o ritmo tem uma relação com o nosso metabolismo, que tem um ritmo que funciona, o nosso intestino, nossos membros, que batem os pés, palmas. A gente marca ritmo, e a criança pequena - música pra ela é ritmo - já quer dançar, e entre esse ritmo e esse neuro-sensorial tem a nossa harmonia, entre o coração o pulmão, respiração, inspiração e expiração, tudo ali numa harmonia criando sentimentos. Quando a gente está em desarmonia, nosso coração já não funciona muito bem, e detona todo um distúrbio.

Esse centro onde está o coração, a gente pode dizer assim que é a música, é o sol, o nosso sol, o nosso centro musical, tudo circula em volta dele. Somos seres musicais, humanos, aéreos, somos seres cantantes, então todos nós temos essa capacidade de nos desenvolvermos musicalmente.

Na Europa a gente entra em qualquer escola e todo mundo canta, toca, e por que aqui não é assim? A música pulsa dentro do ser humano, todo mundo aprende música.

Tem que desmistificar isso de dom e talento. Na escola a música faz parte de nossa cultura, e essa música não tem que ser tão primorosa como na escola de música ou na orquestra sinfônica, e é isso que o professor licenciado tem que perceber. (Francisca Cavalcanti, entrevista em 09/05/2014).

Cada palavra dessa entrevista ainda produz eco dentro de mim. Gostaria de ter mais argumentos para poder dialogar sobre o que foi exposto. No entanto, não consigo traduzir em palavras os efeitos internos que cada frase causou em mim. Acredito que essas sensações se devam ao mundo acadêmico em que estamos, no qual se prioriza o intelecto. Aprendemos desde pequenos que escola é lugar de aprender. E muitas vezes, esse aprender está estritamente ligado aos conhecimentos cognitivos, ao desenvolvimento intelectual. Ao entrar na escola separamos a parte racional da emocional, como se isso fosse humanamente possível. Esses sentimentos fazem parte de nós e precisamos usá-los para uma harmonização entre o pensar e o sentir, assim como propõe Chica.

Na fala de Chica, como nos referenciais lidos, encontramos a afirmação maior para que a música tenha seu lugar garantido na escola, a de que somos seres musicais, e de que a música é então uma necessidade humana a ser desenvolvida. No entanto, cabe questionarmos por que há tanto tempo ela vem sendo negada dentro das instituições. Sabendo de sua importância, o que explica que a escola e seus programas curriculares não desenvolvam essa humanidade?

Depende de como a gente olha, do quanto a gente canta, quanto damos importância a isso? Se ao nosso redor, se todas as famílias estão certas e convencidas de que a música é importante! Se em uma sociedade a música não é tão importante a ponto de que o governo não dê educação musical, como vai ser isso na escola? Aí a nossa cultura vai se perder. Aí vem uma pessoa como você, que aprendeu um pouco de violão, que adora a música e sabe que a música tem que estar presente na escola. Mas se pergunta como, pois não teve essa formação na escola e na Pedagogia, e se pergunta: será que eu desenvolvi habilidades suficientes para entrar na escola e fazer música?

Então a gente tem que ter coragem de fazer isso. Pesquisar, procurar, quando chega agora em junho temos a festa de São João, as músicas folclóricas, o boi de mamão, e dia de reis, quais são as músicas? E mesmo as músicas bonitas que falam de amizade, natureza, de flores e primavera, natal, enfim, a música permeia nossa vida inteira.

É preciso uma tomada de consciência de todos, da comunidade escolar, dos professores, da sociedade, a gente tem que fazer esse trabalho de formiguinha. (Francisca Cavalcanti, entrevista em 09/05/2014).

Pelas palavras da entrevistada, trabalhar a música não é uma questão tão fácil quando não se teve formação, mas é preciso coragem para buscar como fazer. Avançar por esses mares profundos e desconhecidos, requer do/a professor/a uma postura destemida, pois, se a música faz parte da nossa natureza humana, faz parte de nossas necessidades também. Necessidades essas que não podem ser supridas por outra coisa, a não ser pela própria música. Nesse sentido, Chica reafirma a importância da presença da música.

No dia-a-dia escolar a música deve fazer parte, não extra-curricular, não uma vez por semana, precisa fazer parte no dia-a-dia, por todas as qualidades que ela traz. Para a saúde, para o social, ajuda no cognitivo, na aprendizagem, na organização do hemisfério direito e esquerdo, e tem várias pesquisas da neurociência provando isso. No próprio conteúdo programático tem isso muito claro, na Secretaria de Educação, o porquê de a música ser importante, para o social, cognitivo, pessoal, como crescimento pessoal e amadurecimento emocional. (Francisca Cavalcanti, entrevista em 09/05/2014).

Ao realizar as entrevistas e fazer as leituras, mais do que encontrar propriamente os caminhos possíveis para a música e para os/as professor/es na educação básica, observei a preocupação dos estudiosos em demonstrar e justificar a importância da música. Em muitos trabalhos haviam tópicos dedicados a falar sobre essa importância, enquanto em outros, essa justificativa perpassava todo o texto.

Mesmo aqui, nesta pesquisa, há muitos parágrafos destinados a essa discussão, e após ter amadurecido com este trabalho, observo como se torna importante ter clareza desse assunto, para conseguir fazer com que ele ganhe espaço nas discussões, argumentando com muita coerência, para que aos poucos as pessoas se conscientizem dessa importância.

A professora Cecília Marcon Pinheiro Machado, inicia sua entrevista reforçando este ponto:

A música faz parte da pessoa desde que se entende por gente, sempre esteve presente, somos rodeados por música, é difícil de pensar uma vida sem música. Vários autores da área falam disso, que a música sempre esteve presente, nosso próprio corpo produz música.

Existem várias possibilidades para a origem da música, mas o certo é que ela faz parte da vida das pessoas, e se ela faz parte da vida das pessoas por que não está na escola? A música acabou ficando no plano de uma aula particular, e então ela não é oferecida para todo mundo. E eu acho que a música deveria estar presente, nesse sentido,

na vida de todas as pessoas, porque ela também é uma forma de se relacionar com o mundo. Claro, tem pesquisas que dizem que a música ajuda a desenvolver habilidades físicas, cognitivas, expressivas, que é uma atividade social. Mas há uma grande discussão em se pensar qual a importância da música na vida das pessoas.

Nós, da área da música, antes procurávamos justificar sua importância por desenvolver o cérebro, para aprender matemática, mas a questão é, por que a gente precisa justificar a música para outras coisas? A música em si ela é importante, porque faz parte da vivência das pessoas. E ela desenvolve coisas que só a música desenvolve. O grande problema da área musical, de repente, é dizer o que ela desenvolve, mas é [importante] desenvolver a musicalidade das pessoas, que elas possam se expressar através da música, conhecer outros lugares e outras culturas através da música.

E eu não acho ruim a gente falar que a música pode ajudar a desenvolver outros pontos, mas outras atividades podem desenvolver esses aspectos, por exemplo, a yoga desenvolve a concentração, então não se colocaria mais a música na escola e sim a yoga; claro que a yoga é importante, mas através da yoga eles não terão uma vivência musical. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Cecília, assim como Chica, reflete sobre essa questão de a música ter permanecido em segundo plano, como aulas particulares ou projetos extra curriculares.

Outra coisa eu a gente discute é sempre essa oferta de música como extra curricular ou em projetos sociais, a música com caráter assistencialista. E nos questionamos por que [ela] não está na escola. A gente acha que o lugar dela é na escola, que esses projetos todos poderiam estar na escola. De forma curricular e extra curricular.

Porque se a música não está na escola, estamos dizendo para as pessoas, para as crianças, que a música é uma atividade só de assistência, que não é tão importante quanto outras áreas do conhecimento, porque ela não está na escola nem no currículo. Estamos dizendo com isso que ela não tem tanta importância e que serve para que as crianças não fiquem na rua, que não se envolvam com outras coisas, como uma atividade ocupacional, e não é isso que a gente quer.

Já que ela faz parte da vida, ela tem que estar na escola. Sempre estamos pensando numa formação integral, então se a música faz parte da vida, temos que trabalhar ela também.

Eu acho que é importante a música estar na escola também por essa questão da alteridade, de formar pessoas que são mais abertas na forma de viver e de significar a vida. Porque através da música a gente pode conhecer várias culturas, culturas musicais principalmente, mas pode ser uma abertura para outras formas de aprender, de se comunicar, trazendo a diversidade para dentro da sala

de aula. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Continuando nessa perspectiva de valorizar a importância da música, Cecília argumenta em favor de sua presença na escola e trabalhada pelo/a professor/a dos Anos Iniciais, ideia também defendida por Chica, ao analisar o tempo que esse/a professor/a passa com a criança em sala.

Nas primeiras séries ainda não tem uma separação tão clara das disciplinas, então eu penso por que a música não poderia estar integrada nesse contexto e não ser trabalhada só pelo professor especialista, mas pelo professor generalista, o pedagogo. Não acho que seja tarefa desse professor dominar tudo e ainda trabalhar música, mas se a música puder estar presente nas suas práticas é uma contribuição. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Seguindo na reflexão sobre essa possibilidade Cecília afirma:

Existe dentro da educação musical um autor inglês que se chama Swanwick, ele propõe que a vivência com a música na educação tente abarcar todas as formas de contato com a música que a gente tem, que contemple a apreciação, que é o ouvir, isso é uma coisa que o professor das séries iniciais pode fazer. Levar repertórios diversos, talvez relacionar com o que vem trabalhando em suas aulas, e aos poucos, à medida que o próprio professor vá se formando musicalmente com cursos de extensão, formação continuada, ele pode ir trabalhando elementos daquela audição. Que instrumentos que tocam, de onde essa música vem, como ela é, e isso é uma forma de ser trabalhada. Além da apreciação, esse autor fala de contemplar a composição, improvisação e execução musical, ele fala que tem que ter um equilíbrio entre essas formas.

Se eu só ensino as notas, eu não ensino música, eu mostro que há um tipo de grafia, então ele fala para que se dê preferências para as atividades práticas, que são escutar, improvisar e fazer música.

A apreciação, para um professor de pedagogia, pode começar pelas vivências dos alunos, um trabalho de identidade, pois a sala de aula é um espaço heterogêneo, [as crianças] trazem uma história, dentro da sala de aula a gente tem vivências musicais. É investigar isso, que músicas eles trazem, e a partir daí ampliar, trazer música de outras regiões, culturas, pois a ideia não é hierarquizar, mas sim ampliar as experiências. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Cecília, assim como Chica e os demais referenciais estudados, discute a importância da apreciação, da escuta musical, atividade possível para o/a professor/a, que está todos os

dias com esse alunos e que conhece suas realidades. Detalhe muito importante para vivências significativas é o conhecimento sobre essas crianças, e, como afirma Chica, nem sempre o professor de música consegue conhecer esse universo. É justamente isto o que Cecília afirma: “Quando a gente vai para a escola é muito difícil captar todas essas vivências, porque a gente fica ali uma hora por semana, é o tipo de relação que é muito rápida, e o professor generalista está ali mais tempo.” (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Improvisar e compor, assim como propõe a literatura, são atividades possíveis para o professor não especialista, com o que também concorda Cecília:

Quando eu falo em composição, eu não falo que preciso dominar, saber exatamente como tocar piano ou a grafia musical, mas que as crianças possam fazer decisões artísticas com sons. As crianças podem cantar, inventar um jogo de mãos, é uma brincadeira rítmica.

O copo dá uma diversidade rítmica, esse é um trabalho importante que a professora Viviane [Beineke]⁴ propõe, e pode ser levado parlenda, poema, para o aluno musicar. E daria para ter vivências de composição, certamente. E com isso, nesse espaço que já tem uma composição, podemos trabalhar a improvisação, propiciar esses momentos.

A música é uma atividade que há fora da escola, então a gente tem discutido muito na área, que as aulas de música não precisam focar no professor, os alunos podem desenvolver uma autonomia, as crianças têm muitos elementos musicais que eles podem trabalhar.

A partir de uma música, pedir que em pequenos grupos trabalhem essa música com outras formas de cantar, e para fazer isso não precisa ser um grande músico, a gente precisa tirar isso do imaginário. E com isso, nós especialistas, também sentiremos menos o peso e mais seguros para trabalhar com a música. Claro que quanto mais o professor souber, mais relações ele irá trazer, mas as crianças têm vivências musicais que entre eles podem dividir, aprender uma com a outra, e se a gente não der essa oportunidade elas não vão socializar. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Ao analisar a fala de Cecília, pode-se afirmar que trabalhar composição, improvisação e escuta musical são atividades possíveis para o professor não especialista, e por mais que elas envolvam conceitos sobre música não é preciso que os dominemos intelectualmente para que estes se tornem concretos em sala de aula. Ao encararmos isso como desafio e não como algo inalcançável, conseguiremos comunicar às crianças e às pessoas em geral que a música é possível a todos, e ela só é possível porque faz parte de nós, de todos nós.

⁴ Cecília se refere a um projeto de ritmo com crianças, apresentado em BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio P. R. de: **Lenga la Lenga** : jogos de mãos e copos. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

Essa coisa do dom tem justificado a não presença da música na escola, porque, se são só alguns que vão aproveitar, por que estar lá? O que é uma grande bobagem. E não sei por que se criou isso, essa história da música erudita afasta muito as pessoas, pois é conhecido que se tenha uma dedicação muito grande, e essa concepção de aprendizagem afastou muito as pessoas.

A música é muito mais do que isso, tem muito mais variedade, tem muitas mais músicas que essa música. E a falta da música na escola, ao mesmo tempo que foi por causa desse tipo de discurso, ela não estando presente, também contribui para que esse discurso se afirme.

Todo mundo pode fazer música e se desenvolver musicalmente, depende de um contato e de uma vivência com a música, e, claro, quanto menos contato eu tiver, mais inseguro eu me sentirei em relação a música. Não tenho a menor dúvida: todos temos possibilidades, é preciso que o ambiente fomente e dê essa opção. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Destaco aqui uma reflexão encontrada também na fala de Chica, a de que a ideia da música erudita sendo a música por excelência acaba afastando as pessoas, pois ela exige, sim, uma dedicação maior. Ao tentar levar essa complexidade para a escola, as pessoas se assustam e isso acaba reforçando a ideia de que música não é algo para todos. É preciso ressaltar que a música erudita tem sua grande importância e também pode e deve estar na escola, mas não pode ser entendida como sendo a única música, ou se sobrepor à outras expressões musicais.

Encontramos como unanimidade, nas fontes desta pesquisa, a importância e a necessidade da parceria entre profissionais especialistas em música e professores/as dos Anos Iniciais. Aqui, me refiro especificamente aos Anos Iniciais por ser este o foco desta pesquisa, mas o que percebemos por meio dessas fontes é que a música precisa perpassar todas as fases da educação, bem como da vida.

É preciso aproveitar essa parceria, pedir ajuda: "me ensina a cantar essa música", ou querer cantar algo e aproveitar esse professor pedindo ajuda. Mas há que procurar caminhos, com que se sinta bem, não que o professor se sinta forçado. Mas é muito importante mostrar que a música precisa estar presente e não só uma vez por semana.

Chamar convidados também é uma boa opção para sala de aula. Oferecer uma prática musical mais verdadeira. Ofertar a música de diversas maneiras, isso faz com que as pessoas possam se desenvolver mais, porque elas não aprendem de formas iguais. (Cecília Marcon Pinheiro Machado, entrevista feita em 15/05/2014).

Quando Cecília fala em "prática musical verdadeira", se refere a uma música mais autêntica, sem tantos efeitos de sonoplastia. Pois, segundo ela, muitas vezes o que é levado para as crianças são CDs, nos quais os sons apresentados são artificiais, e com isso a criança recebe apenas um resquício de como é o som de determinado instrumento. Então, quanto mais verdade levarmos às crianças através da música, mais significativas serão também as nossas práticas.

Para dar continuidade à reflexão sobre o material obtido através das entrevistas é necessário que se faça um esclarecimento. As entrevistas com as professoras Chica e Cecília foram feitas pessoalmente, permitindo que se estabelecesse um diálogo. Ocupando o papel de investigadora, pude questionar sobre questões que não me eram claras, ou até mesmo expor situações para que pudesse obter dessas profissionais o máximo de informações. Por outro lado, a entrevista com Marcos Xavier ocorreu via e-mail, tendo em vista sua localização atual em São Paulo. Quando escolhi a entrevista como um dos métodos de pesquisa, foi justamente por possibilitar essa proximidade entre entrevistado e pesquisador, o que traz uma humanização maior às palavras. No entanto, mesmo tendo sido por e-mail, a entrevista do professor Xavier se torna muito importante para essa pesquisa, pois traz toda a sua sensibilidade e conhecimento sobre o universo da música; tanto assim que talvez o meu conhecimento acerca do assunto seja insuficiente para refletir sobre a riqueza de suas palavras. Recorrerei, assim, também à outras referências teóricas para fazê-lo.

Xavier inicia sua contribuição fazendo ponderações a respeito da importância da presença da música na escola.

Em todas as culturas a música teve uma das mais importantes funções da educação, estabelecer a memória. Em decorrência disso, as tradições orais tomaram emprestado seus elementos, estabelecendo-se em linguagem escrita, ordenadas por concordâncias, frases, sílabas tônicas ou átonas, pois a música, tanto quanto as palavras, pode ser proferida.

Esses padrões encontram na música a explicação mais próxima de sua origem, portanto mais apta a trabalhar a formação da linguagem no ser humano. Além disso, seus padrões de medidas, tomando a corda como exemplo, utilizada por Pitágoras há 2.600 anos para relacionar a música à geometria, são padrões naturais, que, sabemos hoje, são proporções que compõem as formações orgânicas, minerais e até os comportamentos de ondas. Sendo assim, a música é a disciplina que pode trazer à formação humana analogias mais próximas de uma interdisciplinaridade real. (Marcos Xavier, entrevista feita em 08/06/2014).

Para Xavier, a música seria o elo necessário para que se pudesse trabalhar as demais áreas do conhecimento, numa real integração entre o intelecto e espírito. Assim como as

demais entrevistas e textos estudados, Xavier afirma a música como constituinte do ser. “A música é parte da constituição interna do ser humano, pulsações, vibrações, ritmos, harmonia ou desarmonia, ela é a base para uma educação mais integral do ser com seu meio.” (Marcos Xavier, entrevista feita em 08/06/2014). Encontramos na fala de Chica, assim como em sua dissertação, a importância da música nesse contexto de harmonização interna trazida por Xavier. A música, mais especificamente o canto, segundo Cavalcanti (2014) seria um fator de equilíbrio no desenvolvimento humano.

Cavalcanti (2014) recorre a Rudolf Steiner para explicar a importância da respiração e da música como harmonização dessa respiração na criança pequena, que ainda está em desenvolvimento. Segundo a autora, com base nos estudos de Steiner, “o ar respirado toca o canal da medula espinhal, à semelhança de cordas de um instrumento musical.” (CAVALCANTI, 2014, p.87). “E nossos nervos formam, de fato, uma espécie de lira, um autêntico instrumento musical no interior de nosso corpo, que ressoa aqui em cima, dentro da cabeça.” (Steiner *apud* CAVALCANTI, 2014, p.87). Continuando, com base em seus estudos, Cavalcanti (2014) afirma:

Assim, o autor relaciona a relevância do canto para a criança que, no momento em que ela canta, é inteira um instrumento musical. Batimentos cardíacos e respiração podem ser harmonizados pelo elemento rítmico-musical. A alegria de cantar se manifesta por intermédio do corpo inteiro. E o que ressoa do canto resulta desta circulação especial da respiração no sistema rítmico: a música interior da criança. (CAVALCANTI, 2014, p. 87).

Recorro a Cavalcanti para uma explanação maior sobre essa forma de harmonização interior proporcionada pela música, tão importante no desenvolvimento humano; para que possamos cada vez mais entender a necessidade da música na vida das pessoas. As escolas ainda precisam entender essa necessidade, e se assim for, haverá uma demanda cada vez maior por formação musical nos cursos de licenciatura. Por enquanto, precisamos buscar caminhos para incorporar a música nas atividades pedagógicas prevista em nossos planejamentos. Sobre essas possibilidades Xavier afirma, na entrevista:

Várias formas podem ser aplicadas em sala de aula: o simples ato de cantar estabelecendo memórias em formas simples como AABA, (AABA é uma forma musical: tema, repete-se o tema, variação e novamente o tema) laboratórios rítmicos, percepção e distinção dos instrumentos que estão em execução, e a utilização da corda como segmento de reta, refazendo os experimentos de Pitágoras. São algumas das muitas possibilidades. (Marcos Xavier, entrevista feita em 08/06/2014).

Cantar, ouvir, refletir sobre o que se está ouvindo, são todas ações tão preciosas que encontramos na revisão de literatura e entrevistas, e que precisam ser encaradas como possibilidades reais de trabalho com a música pelo/a professor/a dos Anos Iniciais. Assim como as demais fontes, Xavier também chama atenção para um investimento pessoal na busca de formação, para que se possa promover atividades com a música. Assim como ressalta a importância de os cursos de formação de professores trazerem essa discussão da música em seus currículos.

Como podemos observar, muitas informações encontradas no estudo bibliográfico se encontram também nas entrevistas. Mas destaco que as entrevistas trazem a esta pesquisa, através das falas dessas pessoas tão importantes, uma concretização dos conceitos e das ideias. A inteireza humana que a música traz fica evidenciada e possível de ser sentida, através do que nos contam esses professores com o máximo de sua humanidade.

Para terminar esse tópico, mas não a discussão, gostaria de deixar ressoando, ao menos um pouco, algumas das frases que ouvi nessas entrevistas e que ainda ecoam dentro de mim:

“A música é uma linguagem de coração para coração” (CHICA).

“Costumo dizer que quem é alfabetizado não tem necessariamente que ser escritor, na música defendo a mesma relação, não é a formação de instrumentistas [ou musicistas] mas a introdução de proporções naturais que podem ser a forma de harmonizar o ser e seu meio.” (XAVIER).

“Já que [a música] faz parte da vida, ela tem que estar na escola. Sempre estamos pensando numa formação integral, então se a música faz parte da vida, temos que trabalhar ela também.” (CECÍLIA).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre música requer de nós uma viagem interior. É preciso que reconheçamos o quanto de música circula e pulsa em nós, identificando os rastros que ela deixa ou deixou.

A música está e sempre esteve presente em nossas vidas, mas nem sempre paramos para pensar a forma com que ela nos chega. Ao voltarmos nas lembranças de nossa infância será difícil não relembrar as músicas que fizeram parte dela, perceberemos que em muitos momentos a música se fazia presente e que esses momentos estão guardados de modo especial em nossa mente e nosso coração.

Quando lembro minha infância, lembro das músicas que ouvia na rádio. Era um tempo em que a televisão ainda não se fazia presente, nem tampouco a luz elétrica. Era o rádio a pilha que nos fazia companhia em meio às longas noites escuras e silenciosas, típicas de interior.

Por mais que essas músicas fossem o que poderíamos chamar hoje de músicas de consumo, com objetivos comerciais, ainda assim elas retratavam e davam significado a nossa existência no campo. Era um tempo de muitas conversas, e eu pequena ouvia aquelas conversas de gente grande e as músicas do rádio que acompanhavam aqueles diálogos.

Eu era muito pequena, de muitas coisas não lembro, mas as músicas que ouvia estão guardadas no coração, junto com os assovios do meu pai que acompanhavam a melodia. Era tudo muito simples, porém grandioso.

Depois de entrar na escola não consigo lembrar de muitas vivências musicais, e isso ao decorrer de todo o percurso acadêmico, inclusive na graduação. Como percebemos ao longo desta pesquisa, a música faz parte de nossa vida, faz parte de nós, e por esse motivo, ainda fica difícil compreender por que ela não está presente na escola de forma significativa.

Cantar, brincar de roda, ouvir música, são atividades que professores e professoras podem garantir a seus alunos em seus planejamentos.

Se hoje não nos sentimos seguros/a para trabalhar com a música é porque nos faltou formação. Esse é o motivo maior, ao meu ver, que nos desafia a encontrar formas para incluir a música em nossas práticas docentes. Pois não podemos fazer com nossas crianças, o mesmo que foi feito conosco: tivemos uma parte de nossa inteireza humana negada, a musicalidade.

Queria em palavras conseguir dizer de novo, e mais uma vez, como é necessário ter vivência com a música, mas o meu pouco conhecimento musical, não permite fazer isso da

forma como eu sinto. Por esse motivo, ao longo do texto recorri às experiências pessoais para trazer a esta pesquisa a lembrança de momentos com a música e tentar transmitir, a quem vier ler este trabalho, a sua importância.

Mesmo sem formação especializada na área, é necessário que levemos a música para a sala de aula, é preciso musicalizar a escola, musicalizar a sociedade. É preciso que aprendamos a ouvir, a desenvolver habilidades que só a música pode desenvolver. Acima de tudo, é preciso desenvolver a nossa humanidade, e, como percebemos pelos referenciais estudados e pelas entrevistas, a música tem essa capacidade.

Ao defender esse tema aqui na pesquisa e em conversas informais, senti a dificuldade de argumentar em favor da necessidade que temos de desenvolver nossa musicalidade. Muitas vezes me senti derrotada pelas minhas próprias palavras, que não alcançavam a exatidão daquilo que sentia. Quando era questionada sobre a importância da música, nem sempre consegui convencer, ou ao menos fazer entender, que a música é essencial à vida, e que se não a desenvolvermos ficará um vazio dentro de nós, que nenhuma outra área do conhecimento pode suprir. Ainda assim, minhas palavras a muitos não convenciam. Quando tive o prazer de conversar com a professora Cecília e relatar essa dificuldade, tanto na escrita como nessas conversas, pude me sentir um pouco menos decepcionada comigo mesma, pois ela me disse que essa é uma tentativa constante de profissionais da área: mesmo para eles, com todo subsídio teórico, esta continua sendo uma tarefa difícil. Por isso, é preciso que mais trabalhos na área sejam desenvolvidos, que mais parcerias dentro das escolas entre especialistas em música e demais professores ocorram, para que juntos consigamos despertar nas pessoas a consciência dessa necessidade.

Talvez, para despertar nas pessoas a consciência da música e de sua importância, precisemos envolvê-las em vivências musicais, pois ao assumirmos que a música, como afirmam Granja, Chica, Cecília, Xavier e outros, é uma atividade que fala diretamente aos sentidos, talvez a própria experiência seja a forma mais eficaz de compreender essa importância. Porque só a música pode alcançar o que há de mais sensível em nós.

Desenvolver este trabalho me trouxe a oportunidade de estudar um pouco mais um tema que me é muito importante, pois a música constitui parte importante do que sou hoje, de como penso a vida e o próximo. Este trabalho significa o final da graduação, e com ele se encerra um ciclo de muito aprendizado. Foi a música que me trouxe a esse curso, e é com ela que termino esta etapa. Me faltam palavras, mas sobram emoções para dizer que me formar professora foi também me formar interiormente, um processo no qual aprendi que ocuparei um espaço essencial no aprendizado e na vida de muitas crianças. Isso me traz a

responsabilidade da profissão que assumi de uma relação direta com o outro, em um universo constante do saber e o aprender.

Essa sensibilidade que trago são rastros da música em mim, e das vezes em que me faltavam as palavras, eu recorria a uma parte de mim, ao instrumento violão, para recobrar a certeza de que, mesmo sendo esta uma tarefa árdua, eu conseguiria realizá-la. Então, muitas vezes a escrita não acontecia, pois precisava de um tempo de amadurecimento interno, necessitava escutar com a alma as informações obtidas pelas fontes de pesquisa.

As entrevistas foram a essência desse trabalho e com elas me encorajei cada vez mais a falar sobre música. Mesmo que eu não domine técnicas vocais e instrumentais, ainda assim me desafiarei em sala de aula trazendo a música, e talvez, quando eu não souber o que fazer, resgatarei em mim o que vivi, e pela própria música encontrarei caminhos.

Aprendi que a escuta musical é algo muito importante, e isso, sei que posso fazer. Como tudo nesta profissão que escolhi, é algo que requer estudo e pesquisa, mas é possível. Brincar de roda, cantar, despertar a consciência sonora e corporal junto com as crianças, também é possível. Descobri que o corpo pode ser uma fonte para extrair sons; e conversar sobre como cada pessoa, de forma diferente, consegue fazer isto, desencadeia uma série de consciências: do corpo, do respeito mútuo, das diferenças. Todas tão importantes na formação do ser.

Sonorizar histórias que fantástico será, as crianças poderão usar o próprio corpo como fonte sonora ou instrumentos que elas mesmos construíram, ou então com objetos sonoros que estão a sua volta. Recriar momentos ou cenários que fazem parte do universo da criança musicalmente e sonoramente poderá se transformar num belo momento de aprendizagens e trocas. Podem não ser atividades fáceis, mas são possíveis e essenciais. Essenciais para as crianças e para o professor que estará disposto a investir nesses momentos de trocas e aprendizagens junto às crianças.

Cantar a mesma música de formas diferentes e propor às crianças que investiguem possibilidades vocais para fazê-la se tornará fascinante pela consciência vocal que cada um terá de si, na qual as crianças se aventurarão a descobrir-se musicalmente.

Mais importante, com essa pesquisa aprendi que os conceitos musicais, as técnicas, a afinação, fazem parte do universo da música, mas que a música em si não se limita a esse universo. Propiciar vivências, contato com diversas músicas e instrumentos, é isso que vai despertar em cada um a sua musicalidade. E claro, contar com o professor de música nas escolas, se torna fundamental, para aprimorar essas atividades. Aprendi ao longo desse curso que mais importante do que aprender diretamente algum conceito, é saber a respeito dele. Isso

podemos fazer com a música. Podemos trabalhar composição e registro musical, de uma outra forma em que a criança aos poucos vá internalizando o conceito, assim, quando finalmente ela for aprender tecnicamente sobre ele, irá reconhecer o que significa, mesmo que nos primeiros momentos não se tenha dado nome àquele conhecimento apreendido de uma outra forma.

Para finalizar, gostaria de encorajar a todos/as que, assim como eu, não têm uma formação musical, a desafiar a si próprios/as e trazer a música para a sala de aula. Buscar formação, cursos, oficinas, leituras para tornar a sua prática musical cada vez mais consciente. Para isso é preciso que se comece, para ser capaz de identificar o que falta e onde se precisa melhorar. O primeiro passo é resgatar a musicalidade de cada um. Precisamos identificar em nós mesmos/as àquilo que nos agrada, o que gostamos de ouvir. É claro que seria muito tendencioso apresentarmos às crianças só aquilo que nos agrada. Até porque, como vimos em Shafer (2011) a música não é somente aquilo que nos agrada ou dá prazer. A intenção é justamente provocar um efeito maior, abrir espaço a pesquisas e descobertas. Julgo que, antes de mais nada, é preciso que o/a professor/a se permita a uma identificação musical para poder ampliar seu repertório de conhecimentos e poder levar isso às crianças. Aprender a ouvir nesse mundo de tantos sons é necessário, por aí podemos começar, tendo a certeza de que essa é uma atividade rica, na busca de desenvolver aquilo que existe de mais precioso, a nossa humanidade.

REFERÊNCIAS

AZOR, Gislene Natera. **Música nos anos iniciais do ensino Fundamental**: perspectivas para o trabalho em parceria na Rede Municipal de Florianópolis. [dissertação]. Mestrado em Educação, UFSC. Florianópolis, 2010.

AZOR, Gislene Natera. GIRARDELLO, Gilka. Infância, Brinquedos Cantados e Orientações para o Ensino Fundamental: diálogos possíveis. Trabalho apresentado no VII Encontro de pesquisa em Educação da Região Sul. **Anped Sul**, Londrina, 2010.

BEINEKE, Viviane; VEBER, Andreia. Variações sobre um passeio no parque. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. **Música na Educação Básica**. Londrina, v.19, n.26, 92-104, jul.dez 2011.

BELLOCHIO, Cláudia R. Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula. **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 56-67, 2011.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. Lei n. 9394/96. Brasília: DF, MEC/SF, 1996.

_____. **Lei n. 11.769** de Agosto de 2008. Brasília: DF/SEF, 2008.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília, 1997.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.

_____. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAVALCANTI, Francisca. **Saberes do professor de classe de uma escola Waldorf**: práticas musicais em contexto inclusivo. [dissertação]. Mestrado em Educação, UDESC. Florianópolis, 2014.

CHARLOT, Bernard. O filho do homem: obrigado a aprender para ser. In: **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições**, Campinas, v22, n.2, p.75-92, maio/ago.2011.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza. **Musicalizando a escola**: música, conhecimento e educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3.ed. – Rio de Janeiro: Record, 1999.

LOPES, Carlos Roberto Prestes. **Resenha de “Música na Educação Infantil: Propostas Para a Formação Integral da Criança” de Teca Alencar de Brito**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/78897514/21376245-Musica-Na-Educacao-Infantil-de-Teca-Alencar-de-Brito-RESENHA>. Acesso em 02/09/2013

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

REYS, M. C. D. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2011.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. 2.ed.- São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

WERLE, K. Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas de pedagogas. **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 84-95, 2011.